

A IDÉIA DE CULTURA

A idéia de cultura. EAGLETON, Terry. Tradução: Sandra Castelo Branco. São Paulo: Editora da UNESP, 2005, 204p.

Waldirene Alves Lopes da Silva
Professora da Universidade Estadual do Piauí-UESPI
cosmografiaw@hotmail.com

Terry Eagleton, é um filósofo inglês e socialista que traça um debate reflexivo quanto à idéia ou, melhor dizendo, às idéias de cultura com as quais nos deparamos. Seu resgate evidencia as raízes naturais e os desdobramentos que a vida em sociedade trouxeram quanto à este termo.

No primeiro capítulo, analisa o termo à luz dos significados atribuídos pela etimologia da palavra resgatando as dimensões: social, política, ideológica e natural da mesma no intuito de nos alertar quanto à crise que se engendra no interior da mesma no segundo capítulo intitulado “cultura em crise”. Remete-se à existência concreta das guerras culturais no terceiro capítulo, à inerente relação cultura e natureza no quarto capítulo e por fim, ao encaminhamento rumo à uma cultura comum no capítulo cinco.

É interessante frisar a complexidade do termo principalmente quando lembra que, etimologicamente, este conceito deriva do de natureza e, não o contrário já que “um dos seus significados originais é “lavoura” ou “cultivo agrícola”. (Eagleton, 2005, p. 9). Assim, o que inicialmente, denotava um caráter material tornou-se uma questão do espírito diante das transformações da própria humanidade. Habitantes urbanos seriam legitimamente cultos pois, a agricultura consumiria o tempo e a energia necessários ao lazer e à cultura por certo.

As marcas da transição histórica imprimem-se nas questões que abriga como: liberdade e determinismo, fazer e sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Sugere ainda a dialética constante entre o artificial e o natural já que os meios culturais utilizados para transformar a natureza são derivados dela própria. “As cidades são construídas tomando-se por base areia, madeira, ferro, pedra, água e assim por diante, e são assim tão naturais quanto os idílios rurais são culturais.” (Eagleton, 2005, p. 13).

Pode voltar-se para duas direções opostas enquanto uma divisão no próprio indivíduo indicando uma parte que cultiva e refina e, outra parte que é cultivada e refinada pela primeira identificando-se aí enquanto autocultura refere-se à natureza interna e externa. Assemelhamos à natureza pois, precisamos ser moldados ao mesmo tempo em que diferimos dela pela capacidade de podermos nós próprios o fazermos.

A cultura é ainda, pedagogia ética que traz a aptidão para a cidadania política já que libera o eu coletivo representado no Estado o qual, encarna a cultura que corporifica a humanidade comum.

No século XIX, o termo cultura perde a condição de sinônimo de civilização estabelecida no século XVIII e, este último assume uma conotação imperialista de onde cultura e civilização passam a representar o conflito entre tradição e modernidade.

A pluralização do termo cultura se daria com Herder ao considerar as culturas de diferentes nações e períodos, diferentes culturas econômicas e sociais em uma mesma nação. Há sempre, a fusão entre descritivo e normativo em sua constituição. Com isso lembra a conexão entre pluralismo e auto-identidade num efeito de multiplicação de identidades. E, ao dialogar com Raymond Williams, a estabelece como sintomática de uma divisão que, a própria se oferece para superar.

Eagleton identifica que a grande questão em relação à cultura é que as noções quanto à mesma, ou são demasiado amplas, ou se mostram efetivamente rígidas frente à necessidade de se ir além das duas. A cultura significa domínio da subjetividade social é um domínio mais amplo que a ideologia, e mais estreito que a sociedade, menos palpável que a economia e mais tangível que a teoria. Cultura configura tanto uma identidade exclusivista quanto o protesto coletivo contra uma determinada identidade enquanto cultura é a própria identidade. Logo, a crise em relação à idéia de cultura se manifesta desde sempre e constantemente basta que observemos o embate entre Cultura e cultura.

Ao resgatar os contextos colonial e pós-moderno, aponta e evidencia o cenário de “guerras culturais” que se estabelece mediante o choque entre cultura e Cultura expandido para fora do campo teórico no que, o autor, exemplifica com questões como: limpeza étnica e o uso da expressão cultura da OTAN fazendo referência inerente à cultura ocidental. Assim o significado ganha mais importância que o conteúdo e propõe a defesa da civilidade contra barbarismos (ou culturas particulares).

A Cultura como identidade opõe-se à universalidade e à individualidade valorizando a particularidade coletiva. A Cultura é o próprio espírito da hu-

manidade. E o universal apodera-se daquilo que é historicamente particular projetando-o como verdade pois, “comunidades não são assuntos apenas locais.” (Eagleton, 2005, p. 92) Com isso, indica guerras culturais entre: cultura como civilidade, cultura como identidade e cultura como algo comercial (pós-moderno) além da cultura de oposição que pode ser manifestada pelas ou nas três frentes citadas.

Tais guerras nos remetem, ainda, a um outro conflito que se manifesta entre a cultura e a natureza. Neste, os seres humanos estariam imprensados entre as duas pelo fato de a cultura ser de nossa natureza já que não nasceríamos nem como seres culturais e nem como seres naturais. A cultura representa a sobrevivência diante de nossa natureza física indefesa remodelando necessidades materiais e disso atinge-se a origem da cultura em trabalhar a natureza conforme Marx. O trabalho é visto como o elo de contato com a natureza produzindo cultura e, a forma como isso se dá fragmenta a cultura em violência e contradição.

Com isso, traz o debate entre T. S. Eliot e R. Williams para discutir a construção de uma cultura comum analisando seus processos sob a oscilação da consciência sobre os mesmos. O fato é que a cultura apresenta-se, além daquilo de que vivemos, como aquilo para o que se vive apontando para a cultura uma nova importância política.

Este é o olhar que Terry Eagleton nos traz. Um olhar questionador, preciso e atual evidenciando o caráter dinâmico e, também transformador daquilo que acaba por identificar a natureza de cada sociedade, a cultura. Esta, substantiada e construída de tensões e dialética que se apresentam na relação sociedade/natureza, nos choques culturais, na identidade, no tempo e no espaço.